



*Da Má-Consciência ao Mal-Estar na Civilização:  
Nietzsche e Freud com o diagnóstico de uma  
sociedade doente*

NASCIMENTO, A.

## DA MÁ CONSCIÊNCIA AO MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO: NIETZSCHE E FREUD COM O DIAGNÓSTICO DE UMA SOCIEDADE DOENTE

*André Nascimento<sup>1</sup>*

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2023.3.1.7659>

**RESUMO:** Esta pesquisa procurou estabelecer perquirição, entre os fundamentos de Nietzsche e Freud, no diagnóstico de uma sociedade doente, com o intuito de salientar possíveis congruências e divergências na elaboração dos autores. Nietzsche demonstra que a repressão dos instintos (necessária para o advento da civilização), foi responsável pelo adoecimento do homem. Freud sustenta que após o assassinato do pai primevo, desencadeou o arrependimento dos irmãos, desta forma, suscitou o sentimento de culpa, o qual pretendeu-se atenuar com o sacrifício das pulsões, se abstendo de possuírem as mulheres que antes pertenciam ao pai. Na concepção de Freud, a lei imputada pelo pai enquanto vivo, ganhou mais força após a sua morte, através da filogênese foi introduzida ao psiquismo como Supereu. Entre a pulsão e a proibição do Supereu, se apresenta o mal estar na civilização. Assim, a tese vigente ressalta as perspectivas dos autores, com seus pontos correlatos e divergentes.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Freud. Civilização. Má consciência.

**ABSTRACT:** This research establishes a comparison between Friedrich Nietzsche and Sigmund Freud's diagnoses about society — for whom it is sick — to show congruences and divergences in the authors' points of view. Nietzsche denotes the repression of instincts as responsible for the malaise of mankind, (even though it was necessary for the advent of civilization). Freud sustains that the murder of primal father, it has triggered the brothers' repentance. Additionally, it has aroused the feeling of guilt. In this sense, parricides intended to mitigate it through the sacrifice of trieb, refraining from possessing women who had belonged to the father. In Freud's conception, the law imposed by the living father gained more strength after his death. In this sense, through the phylogenesis, it was introduced to the psyche as the superego. Among trieb and the prohibition of the superego, the malaise in civilization was presented. In conclusion, the current thesis highlights the authors' point of view according to their correlated and divergent perspectives.

Keywords: Nietzsche. Freud. Civilization. Bad conscience.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: andre\_r\_nascimento@yahoo.com.br



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui a pretensão de analisar, a partir do diagnóstico de Nietzsche e Freud, as similaridades e dissonâncias dos autores, ao atribuírem a sociedade como corpo gregário doente. Apesar da acareação almejada, a pesquisa visa manter incólume a linha fronteira entre a filosofia e a psicanálise, de maneira a expor os conceitos, dentro do âmbito de cada doutrina. Possíveis analogias extrínsecas ao referido critério, se apresentam devidamente referenciadas.

Freud (2011) emprega o mito do pai da horda para fundamentar a origem da civilização. Conforme o autor, no início da cultura, existia um pai despótico que possuía todas as mulheres e expulsava seus filhos, até que estes se uniram e assassinaram o pai tirânico, se alimentando de sua carne, na intenção de adquirir seu poder. Entretanto, após o feito, surgiu o sentimento de culpa, que impeliu os parricidas vedarem a prática do parricídio, bem como, abdicaram de possuir as mulheres que pertenciam ao pai (Idem). Deste modo, surgiram as leis em favor do coletivo que possibilitaram o advento da civilização, em contrapartida, sucedeu a repressão pulsional.

Nietzsche (1998) utiliza o termo “má consciência” para referenciar a repressão dos instintos<sup>2</sup>, necessário para o advento da civilização. Conforme o autor, o processo aconteceu de maneira abrupta, a descarga de energia que fluía para fora, passou para o interior do indivíduo, promovendo um grande conflito no homem, tornando-o assim, um ser doente.

Conforme Assoun (1989, p. 260) “em Nietzsche e em Freud, o enfoque da *Kultur* reflete o problema central, aquele do instinto e de sua satisfação. [...] Eis por que ambos abordam a civilização em termos de doença: a civilização não está apenas doente – ela é a doença”. Dito posto, Nietzsche e Freud apresentam o diagnóstico da sociedade, como um corpo gregário doente, em virtude da supressão das pulsões, como necessidade para o advento da civilização.

---

<sup>2</sup> Apesar da imensa controvérsia literária entre “pulsão” e “instinto”, será empregue o primeiro para referenciar a abordagem de Freud e o segundo, pertinente a vertente de Nietzsche.



NASCIMENTO, A.

Cabe ressaltar que etimologia da palavra “diagnóstico”, segundo Abel (2012), possui origem do adjetivo grego *diagnóstikós*, que significa “capaz de distinguir, de discernir”; substantivo na frase grega “*hé diagnóstikê tékhnē*” “arte de distinguir (doenças)”. Entretanto, conforme Freud, referente aos “critérios diagnósticos, podemos verificar em seus relatos clínicos que, [...] se baseia principalmente nos sintomas típicos, mas também *no modo do sujeito se posicionar frente ao sintoma*” (ABEL, 2013, p. 22, grifo nosso). Todavia, Nietzsche concebe “por critério diagnóstico de saúde ou doença, o ensaio de hierarquias de impulsos, enquanto abertura de possibilidade para experimentação de diferentes modos de querer, sentir e pensar” (MOREIRA, 2006, p. 45).

Diante do exposto, os caminhos pretensos da efetiva pesquisa, sucedem em diferentes etapas: a primeira fase constitui mapear nos escritos de Nietzsche e Freud, o termo “civilização”<sup>3</sup> nas obras deste, e “má consciência”<sup>4</sup> nas obras daquele. A segunda parte consiste elucidar as causas do adoecimento do homem, na perspectiva de Nietzsche, bem como, explicitar o princípio da civilização na concepção de Freud. A terceira e última fase, abrange apresentar as similaridades e dissonâncias entre os autores, no diagnóstico da sociedade doente.

## 1 O EMPREGO DO TERMO CIVILIZAÇÃO NAS OBRAS DE FREUD.

Freud utiliza amiúde o termo “civilização”, anterior as publicações *Totem e Tabu* (1912-1913), *O Futuro De Uma Ilusão* (1927) e *O Mal Estar na Civilização* (1930 [1929]), principais obras pertinente ao tema. Embora o emprego precedente não obtenha igual ênfase contextual, constituíram de subsídios primordiais para fundamentar a concepção do autor em sua teoria da origem da civilização. Dito posto, consiste demonstrar de maneira

---

<sup>3</sup> A pesquisa do termo será realizada até a obra *Totem e Tabu*, em razão de consistir como escopo do trabalho.

<sup>4</sup> Em virtude de Nietzsche apresentar o termo “má consciência”, de modo singular em *Genealogia da Moral*, o mapeamento suscitará sem especificação do contexto nas demais obras.



NASCIMENTO, A.

linear, o emprego da palavra no percurso de suas obras<sup>5</sup>, bem como, apontar de forma lacônica, a influência do processo civilizatório na repressão das pulsões e desencadeamento das neuroses.

Destaca-se no texto *Histeria* (1988), o primeiro emprego da palavra civilização<sup>6</sup>. No contexto aparece agregada a neurose. Freud correlaciona os termos ao afirmar que “na Idade média, as *neuroses* desempenharam um papel significativo na história da *civilização*; surgiram sob a forma de epidemias, em consequência de contágio psíquico” (FREUD,1996a, p. 35, grifo nosso). Apesar de utilizar ambos os vocábulos (neurose e civilização) na presente passagem, Freud não concebe vínculo significativo entre os termos.

Entretanto, em suas correspondências à Fliess publicado com o título *Os Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess* (1950 [1892-1899]), no “Rascunho N” (1897), ressaltam as primeiras elucubrações referentes à necessidade de sacrifício das pulsões sexuais, como condição do processo civilizatório. Conforme Freud “os seres humanos, em benefício da comunidade maior, sacrificaram uma parte de sua liberdade sexual e de sua liberdade de se entregarem as perversões” (FREUD,1996a, p. 193).

Freud sustenta que o incesto recebe conotação de repúdio oriundo do “fato de que, em consequência da comunidade da vida sexual (mesmo na infância), os membros de uma família se mantêm permanentemente unidos e se tornam incapazes de contatos com estranhos” (FREUD, 1996a, p. 193). Desse modo, conclui o autor que “o incesto é antissocial – a *civilização* consiste nessa renúncia progressiva”. (Idem, grifo nosso). Referida afirmação constituiu no fundamento do conceito de “Tabu”, desenvolvido em linhas posteriores.

Todavia, no texto “Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: Uma Conferência” (1893), Freud ressalta a necessidade de sublimar as pulsões e utiliza como

---

<sup>5</sup> A pesquisa se alicerçou da Edição Standard, da editora Imago, que reúne as principais obras do autor de modo cronológico. Cabe enfatizar os notórios equívocos de tradução realizados pela editora, dentro os quais, se destaca o emprego da palavra “Cultura” (Kultur) e “Civilização” (Zivilisation) de modos similares.

<sup>6</sup> Referida afirmação se fundamenta unicamente relacionado à Coleção Standard, utilizada para produzir a pesquisa. Destarte, produções de outras editoras, podem apresentar divergência do referido anunciado.



NASCIMENTO, A.

analogia, a observação meticulosa de uma frase<sup>7</sup> inglesa: “o primeiro homem a desfechar contra seu inimigo um insulto, em vez de uma lança, foi o fundador da *civilização*”. (FREUD, 1996c, p. 22, grifo nosso). Deste modo, salienta a concepção do autor da necessidade de conter as pulsões de agressividade, como condição *sine qua non*, de constituição da civilização.

Não obstante, em seu trabalho “A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses” (1896) Freud refuta a declaração de Beard, que concebeu a “neurastenia como fruto de nossa *civilização* moderna” (FREUD, 1996c, p. 87, grifo nosso); segundo Freud (1896), a civilização não corresponderia à etiologia da doença. No texto “A Sexualidade na Etiologia das Neuroses” (1898), Freud enfatiza a necessidade de prudência, na afirmação da neurastenia ser oriunda da civilização, nas palavras do autor: “no que se refere à civilização, entre cujos pecados as pessoas tão frequentemente incluem a responsabilidade pela neurastenia, é bem possível que essas autoridades estejam certas (embora o modo como isso se dá difira bastante, provavelmente, do que elas imaginam)” (FREUD, 1996c, p. 159). Em virtude do tratamento da neurastenia ser realizado em estabelecimentos hidropáticos, Freud sugere “que os diretores médicos de tais estabelecimentos se conscientizem adequadamente de que estão lidando, não com vítimas da *civilização* ou da hereditariedade, mas – *sit venia verbo* – com pessoas sexualmente aleijadas” (FREUD, 1996c, p. 160, grifo nosso). Da mesma forma, o autor aponta que as causas de estafa, são oriundas da negligência na vida sexual e não de excesso de trabalho intelectual (FREUD 1996c). Em outros termos, na concepção de Freud, a influência da civilização como precursora da neurastenia, se suscita em virtude da supressão sexual e não da Modernidade, como afirmava Beard. De igual modo, Freud aponta que os tratamentos nos espaços hidropáticos, produziram melhoras exclusivamente pela mudança do ambiente relativo ao contexto sexual, não decorrente das águas.

Nos casos de neurastenia oriundos da masturbação, Freud assegura responsabilidade da civilização apenas no âmbito da contenção das exigências sexuais, conforme o autor “podemos justificadamente considerar a *civilização* como também responsável pela difusão

---

<sup>7</sup> A frase é atribuída a Hughlings Jackson, entretanto Freud emprega frase similar em outro texto, apresentando Lichtenberg como autor.



NASCIMENTO, A.

da neurastenia [...] nossa *civilização* terá que aprender a conviver com a reivindicação de nossa sexualidade” (FREUD, 1996c, p. 163, grifo nosso). Diante do exposto, consiste inferir que o pai da psicanálise, de maneira meticulosa, não endossa a causa da neurastenia diretamente à civilização, entretanto enfatiza que a repressão da sexualidade, constituiria no desencadeamento da neurastenia.

No avanço linear em mapear a palavra “civilização” nas obras de Freud, a célebre *Interpretação dos Sonhos* (1900 [1899]) não revela referência de modo perscrutado à civilização, o autor utiliza o vocábulo apenas três vezes, duas de modo irrelevante e a terceira correlacionada à neurose, conforme cita: “sempre que as neuroses se valem de disfarces, estão percorrendo trilhas por onde passou toda a humanidade nas épocas mais remotas da *civilização*” (FREUD, 1996d, p. 08, grifo nosso). Da mesma forma, em “Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana” (1901), Freud (1996f [1901]) emprega a palavra civilização somente em exemplo ao esquecimento de nome.

Freud (1996g [1905]) no texto *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* apresenta três vezes o emprego do termo: no primeiro, associa o conceito de degeneração exclusivo a civilização elevada; o segundo emprego, se refere ao “Tocar e Olhar” em relação ao velamento do corpo com a pulsão sexual – “a progressiva ocultação do corpo advinda com a *civilização* mantém desperta a curiosidade sexual, que ambiciona completar o objeto sexual através da revelação das partes ocultas, mas que pode ser desviada (‘sublimada’) para a arte [...]” (FREUD, 1996g, p. 96, grifo nosso)<sup>8</sup>. O último emprego do termo civilização na obra, surge na declaração do autor que “a *crueldade e a pulsão sexual* estão intimamente correlacionadas nos é ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana” (FREUD, 1996g, p. 98, grifo nosso).

No trabalho *O Chiste e Sua Relação Com o Inconsciente* (1996h[1905]), Freud destaca que a civilização e a educação, constituem de poderosos mecanismos de repressão, de modo a ocasionar variações no psiquismo e repelir o que anteriormente foi concebido com deleite, de maneira que o chiste contribui para transpor tal barreira. Conforme o autor “a

---

<sup>8</sup> Nesse ponto, Freud apresenta caminhos de sublimação, frente às restrições impostas pela civilização, as pulsões sexuais.



NASCIMENTO, A.

*civilização* e a educação de nível mais alto, tem larga influência no desenvolvimento da repressão e supomos que, em tais condições, a organização psíquica sofre uma alteração [...] aquilo que foi inicialmente sentido como agradável, torna-se inaceitável” (FREUD, 1996h, p. 68, grifo nosso). Desta forma, “a atividade repressiva da civilização faz com que as possibilidades primárias de fruição, agora repudiadas pela censura, se percam” (Idem).

Na mesma obra, Freud (1996h[1905]) destaca que na tenra idade, bem como no prelúdio da civilização, as pulsões de agressividade voltados para outrem, obtém similar repressão nas questões sexuais. Entretanto, o autor ressalta que “embora, quando crianças, ainda sejamos dotados de uma poderosa disposição herdada para a hostilidade, logo aprendemos por uma *civilização* pessoal superior, que o uso de uma linguagem abusiva é indigno” (FREUD, 1996h, p. 69, grifo nosso). Dito posto, é possível inferir que o autor concebe a hostilidade como ontogênese do homem, contudo a civilização introduz mecanismo para conter as pulsões de agressividade, somente nesse âmbito é possível a civilização.

Conforme exposto no texto “Atos Obsessivos e Práticas Religiosas” (1996i [1907]), a condição de “renúncia progressiva as pulsões constitucionais, cuja ativação proporcionaria o prazer primário do ego, parece ser uma das bases do desenvolvimento da *civilização* humana” (FREUD, 1996i, p. 72, grifo nosso). Conforme o exposto, Freud apresenta de fundamento, a necessidade da contenção pulsional, para a possibilidade da civilização.

Não obstante, no texto “Caráter e Erotismo Anal” (1996i [1908]), Freud revela a maleabilidade social nas restrições sexuais, passíveis de modificação, conforme o período. Na concepção do autor “o erotismo anal é um dos componentes da pulsão [sexual] que, no decurso do desenvolvimento e de acordo com a educação que a nossa atual civilização exige, se tornarão inúteis para os fins sexuais” (FREUD, 1996i, p. 94).

Na obra *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*, Freud (1996i [1908]) realiza perquirição sobre o trabalho de Von Ehrenfels, referente a moral sexual natural e a moral civilizada. Esta, derivaria da repressão sexual e ocasionaria a “doença nervosa moderna”. O texto apresenta elementos pormenorizados do tema em escopo, no entanto





NASCIMENTO, A.

será nas linhas posteriores, em virtude de não consistir o escopo nessa parte da pesquisa. Com as devidas ressalvas apresentadas, se destaca na obra “Analysis, De Sandor Ferenczi” (1996x [1909]), o vínculo da neurose com a repressão das pulsões imposta pela civilização. Nas palavras de Freud “a investigação psicanalítica das neuroses (as várias formas de doenças nervosas com causação mental) empenhou-se em estabelecer sua conexão com a vida pulsional e as restrições a ela impostas pelas exigências da civilização” (FREUD, 1996i, p. 134).

Na obra *Notas Sobre um Caso de Neurose Obsessiva* (1996j [1909]) Freud ressalta a condição de um paciente neurótico obsessivo e a situação de “*renifleur*,”<sup>9</sup>. Na concepção do autor “esse fato [a repressão orgânica do prazer através do cheiro] fornecer-nos-ia a explicação da razão por que, com o progresso da *civilização*, é exatamente a vida sexual que tem de cair vítima da repressão” (FREUD, 1996j, p.142, grifo nosso). Freud anuncia que “há muito conhecemos a íntima conexão, na organização animal, entre a pulsão sexual e a função do órgão olfativo.” (Idem). Conforme a sentença, nos primórdios da humanidade, o homem possuía melhor aptidão olfativa, a qual proporcionaria prazer, porém, diante da postura ereta, suscitou atrofia dessa aptidão, gerando a indagação do autor se referida perda contribuiu como parcela para o advento de distúrbios nervosos.

Contudo, na obra “*Cinco Lições de Psicanálise*” (1996k [1909]), Freud afirma que “os processos de desenvolvimento, repressões, sublimações e formações reativas, de onde saiu, da criança com tão diferentes disposições, o chamado homem normal - esteio e em parte vítima da *civilização* tão penosamente alcançada” (FREUD, 1996k, p. 24, grifo nosso). Dito posto, destaca o sofrimento imputado ao homem na contenção das pulsões, a partir de sua tenra infância (ontogênese), para advir o conceito de “homem”. Da mesma forma, no desenvolvimento da humanidade (filogênese), foi necessário mecanismos instituídos pela civilização, para conter as pulsões humanas, como condição de constituição da civilização.

Na mesma obra, a “Quarta Lição”, Freud imputa o descaso referente à sexualidade infantil, oriundo do “peso da educação e da *civilização*, [que] esqueceram a atividade sexual

---

<sup>9</sup> Tradução livre: fungar. Também se utiliza “sniffer”, que significa farejar.





NASCIMENTO, A.

infantil e não desejam agora relembrar aquilo que já estava reprimido.” (FREUD, 1996k, p. 29, grifo nosso). Em igual perspectiva, na “quinta lição”, Freud destaca pontos de rejeição à psicanálise, conforme o autor, o receio da prática psicanalítica, oriunda do temor “de chamar à consciência do doente os impulsos sexuais reprimidos, como se lhe oferecessem então o perigo de aniquilar as mais altas aspirações morais e o privassem das conquistas da *civilização*” (FREUD, 1996k, p. 35, grifo nosso). Entretanto, declara o autor que “o tratamento psicanalítico coloca-se assim como o melhor substituto da repressão fracassada, justamente em prol das aspirações mais altas e valiosas da *civilização*.” (Idem). Destarte, Freud conclui que os “componentes da pulsão sexual se caracterizam por essa faculdade de sublimação, de permutar o fim sexual por outro mais distante e de maior valor social [...] por essa maneira obtida, devemos provavelmente as maiores conquistas da *civilização*”. (FREUD, 1996k, p. 36). Em outros termos, o autor considera a psicanálise ser o método propício para trabalhar com as pulsões sexuais reprimidas (que sofreram sanções abruptas, em virtude da exigência civilizatória), permitindo o indivíduo direcionar parte dessa libido, para funções que agreguem progresso à sociedade (amar e trabalhar). Entretanto, Freud adverte que não “devemos ensoberbecer-nos tanto, a ponto de perder completamente de vista nossa natureza animal, nem esquecer tampouco que *a felicidade individual não deve ser negada pela civilização*” (FREUD, 1996k, p. 36, grifo nosso).

Referente à publicação *Leonardo Da Vinci e uma Lembrança da sua Infância* (1966k, [1910]), Freud registra quatro vezes a palavra “civilização”: a primeira se refere à religião e a civilização dos egípcios; a segunda reitera a condição de repressão da sexualidade exigida pela civilização, bem como, ressalta a rejeição na compreensão da sexualidade infantil; a terceira aparição indica que a vida sexual nas classes elevadas, consiste exclusivamente para procriação, facultando para as classes menos cultas, a prática sexual fora dessa finalidade; o último emprego da palavra na obra, apresenta os estudos pertinentes à civilização, de modo que nos povos primitivo, as genitais consistiam no “orgulho e esperança” dos homens, bem como “eram adorados como deuses e transmitiam a essência divina de suas funções a todas as novas atividades humanas.” (FREUD, 1996k, p. 59).



No texto “A Significação Antitética Das Palavras Primitivas”, Freud (1966k, [1910]) cita a palavra civilização em referência a pesquisa realizada por Karl Abel, pertinente ao povo egípcio. De igual modo, em “Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor (Contribuições À Psicologia Do Amor II)”, Freud (1966k [1912])<sup>10</sup> suscita perquirição na relação das pulsões sexuais e a civilização, o autor destaca a impossibilidade de conciliação entre ambas, em virtude da incapacidade de completa satisfação das pulsões sexuais. Freud (1996k) salienta que a sublimação das pulsões sexuais, permitiu o avanço da civilização.

Em sequência à sua trilogia, Freud em *O Tabu da Virgindade* (1996k [1917]) (Contribuição à Psicologia do Amor III)<sup>11</sup> desenvolve perquirição referente ao defloramento das moças. O autor utiliza como fonte de pesquisa, tribos primitivas que culturalmente não destinavam ao noivo o ato de desvirginar sua futura mulher. Na obra, o autor emprega três vezes a palavra civilização.

No texto “A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão”, Freud (1996k, [1910]) cita duas vezes a palavra civilização: “a luz projetada pela psicologia sobre a evolução de nossa *civilização* mostrou-nos que ela se origina, principalmente, à custa das pulsões sexuais componentes” (FREUD, 1996k, p. 132, grifo nosso), desta forma, “estes têm de ser *suprimidos, restringidos, transformados e dirigidos* para objetivos mais elevados, a fim de que se possam estabelecer as construções psíquicas da *civilização*” (Idem, grifo nosso).

No texto “Tipos de Desencadeamento da Neurose” (1996l, [1912]) o emprego da palavra se apresenta apenas uma vez, imputada como partícipe no desencadeamento da neurose. O autor descreve que “se pode avaliar que papel importante na causação das neuroses pode ser desempenhado pela limitação imposta pela *civilização* ao campo das satisfações acessíveis” (FREUD, 1996l, p. 143, grifo nosso). De igual modo, se encontra apenas uma vez a palavra em “Contribuições a um Debate Sobre a Masturbação” (FREUD,

---

<sup>10</sup> Em virtude de a trilogia ser publicada em lapsos de anos, a Editora Standard realizou uma ruptura cronológica, no intuito de permanecer em ordem as “Contribuições à Psicologia do Amor” I, II e III.

<sup>11</sup> Repete a nota supra, entretanto, convém ressaltar que em virtude de referida obra ser posterior a publicação de “Totem e Tabu”, o texto apresenta amiúdes referências as tribos primitivas.



NASCIMENTO, A.

1996l, [1912]), cujo texto consiste na refutação a Stekel, sobre a nocividade da masturbação. Freud admite que “certa diminuição da potência masculina e da brutal agressividade nela envolvida é muito a propósito, do ponto de vista da *civilização*” (FREUD, 1996l, p. 155, grifo nosso).

Destarte, findamos a pesquisa da palavra “civilização” nas obras de Freud, em virtude da obra subsequente de Freud, constituir “Totem e Tabu”, texto cuja abordagem será elucidada em linhas posteriores. Todavia, cabe ressaltar a assertiva de Assoun em declarar que Freud “capta, ao mesmo tempo, a importância das pulsões na neurose e seu conflito com a civilização” (ASSOUN, 1989, p. 262). Assim Freud (1996k) vincula os traços civilizatórios com o psiquismo, a fim de poder estabelecer as construções psíquicas da civilização.

Na intenção de não cometer iniquidade entre os autores perquiridos, constitui a necessidade de localizar nas obras de Nietzsche, o termo “má consciência” (*Schlechtes Gewissen*).

## **2 A APLICAÇÃO DO TERMO “MÁ CONSCIENCIA” (*SCHLECHTES GEWISSEN*) NAS OBRAS DE NIETZSCHE.**

Nietzsche possui a peculiaridade de apresentar em suas obras “mudanças, de momento a momento, na forma como ele conduz seu embate com a cultura de sua época, o que altera a própria correlação de forças em seu conjunto” (PASCHOAL, 2005, p. 29). Deste modo, “mesmo quando se tem, em textos de diferentes períodos, temas aparentemente idênticos, [...] isso não autoriza a se buscar uma ‘identidade’ que se mantém neles e que perpassa a obra como um todo” (Idem). Em outros modos, torna imprescindível cautela, nos empregos de termos utilizados por Nietzsche, em virtude de suas variantes sobre o mesmo vocábulo, conforme período e contexto.

Diante do exposto, as obras do autor se classificam em três períodos: “passamos a considerar primeiro período o que vai de 1870 a 1876 [...]; o segundo período de 1876 a 1882 [...]; o terceiro período de 1882 a 1888” (MARTON, 1990, p. 25). O primeiro período



NASCIMENTO, A.

constitui do pessimismo romântico, o segundo de positivismo cético e o terceiro de reconstrução da obra (MARTON, 1990). Entretanto, a pesquisa do termo “má consciência” perpassa as três fases do autor, findando na obra que constitui o escopo do trabalho: “Genealogia da Moral”. Em virtude de Nietzsche empregar o termo com a denotação pretendida, exclusivamente na referida obra, o mapeamento transcorre de modo sucinto, sem especificar seu contexto.

A quarta Consideração Extemporânea de Nietzsche, *Richard Wagner em Bayreuth* (1876), no aforismo §6, indica a incipiente expressão do termo “má consciência” nas obras de Nietzsche. Em *Humano Demasiado Humano I* (1878), o autor emprega o termo no aforismo §141. Em *Humano Demasiado Humano II*<sup>12</sup> se localiza nos aforismos §42, §76, §84, §90 e §402. Na obra *Aurora* (1881), se apresenta nos aforismos §9, §38, §76, §148, §164, §293, §388, §456, §543. Na obra *A Gaia Ciência* (1882), o termo se manifesta nos aforismos §2, §52, §53, §95, §117, §186, §329 e §366. Na obra de maior notoriedade de Nietzsche, *Assim Falou Zaratustra* (1883-85) o termo em epígrafe se apresenta uma única vez, na IV<sup>13</sup> parte, no capítulo “O Encantador”. Na obra *Além do Bem e do Mal* (1886), o autor utiliza três vezes o emprego do termo, nos aforismos §199, §212 e §247.

De maneira cronológica, a obra subsequente constitui a “Genealogia da Moral”, desta forma, finda a perquirição do termo “má consciência” nas produções de Nietzsche. Destarte, foi possível inferir que o termo se apresenta nos três períodos do autor, entretanto somente “na *Genealogia*, o conceito [...] ganha uma atenção especial do filósofo e tem significado ampliado, como se verifica em especial na segunda dissertação, quando ele [...] apresenta sua hipótese própria sobre a origem daquela ‘coisa sombria’” (PASCHOAL, 2014, p. 160). Todavia, na intenção de evitar equívocos entre “má consciência” e “ressentimento”, cabe ressaltar que a primeira constitui na submissão dos instintos do homem, já o segundo denota de “um problema fisiológico, à falta de forças de um organismo cansado para reagir frente as

---

<sup>12</sup> A obra é composta pelas coletâneas de aforismo: “Opiniões e Sentenças Diversas” (1879) e “O Andarilho e sua Sombra” (1880).

<sup>13</sup> A obra “Assim Falou Zaratustra” possui divisão em quatro partes, de modo que a primeira foca “a morte de Deus” e o “além do homem”; a segunda parte “vontade de poder”; a terceira parte o “esterno retorno”; a quarta e última parte “a alegria”.



intempéries da vida e que também não consegue digerir os sentimentos ruins que produz” (PASCHOAL, 2014, p. 33).

Assim, findado a pesquisa dos termos “civilização” nas obras de Freud e a “má consciência” nos trabalhos de Nietzsche, consiste analisar os determinantes que direcionaram os autores a diagnosticarem a sociedade como um corpo gregário doente<sup>14</sup>.

### **3. NIETZSCHE E FREUD: DIAGNÓSTICO DE UMA SOCIEDADE DOENTE.**

Nietzsche e Freud apresentam significativas diferenças em seus posicionamentos, entretanto, sobressalta pontos de similaridade dos autores. Nietzsche refuta a primazia da consciência ao propor “que tomar consciência de si é perder-se a si mesmo, para si mesmo; que temos que postular uma racionalidade inconsciente (em sintonia com o corpo e os impulsos)” (GIACCOIA, 2001, p. 42). Desta forma, o autor “pretende subverter toda uma ancestral tradição filosófica que vai de Sócrates ao idealismo alemão, passando pelos pensadores medievais, por Descartes, Leibniz e todos os pais fundadores da filosofia moderna (Idem).

Em virtude de sua perspectiva singular, Nietzsche se declarava como primeiro psicólogo. Nas palavras do autor, considerar a psicologia “tal como eu o faço, como morfologia e teoria genética de vontade de poder, é uma ideia que ainda ninguém sequer tocou, caso nos seja permitido inferir, disso que foi escrito até agora, o que passou em silêncio” (NIETZSCHE, 2013, p. 74). Em seu projeto inovador, o autor apresenta a necessidade da transvalorização dos valores.

Freud segue por uma via menos fervorosa, o pai da psicanálise se intitula “no máximo um enfermeiro” capaz de “colocar curativos”, mas não estabelecer uma cura. Freud se fundamenta nos meandros da ciência para edificar sua doutrina, que consiste em uma práxis, desta forma, a vertente da psicanálise conduz ao viés da Ética. Todavia, excetuando as comparações estruturais, o escopo perquirido da presente pesquisa, consiste em analisar

---

<sup>14</sup> Embora os trabalhos de Nietzsche preceder os de Freud, até a presente etapa, a análise suscitou de maneira inversa, no intuito de clarificar o escopo perquirido.



as elucubrações dos autores em relação ao diagnóstico de uma sociedade doente. Assim, consiste perscrutar os meandros especulativos, que suscitaram na inferência de cada autor.

### 3.1 O ADOECIMENTO DO HOMEM EM NIETZSCHE

Nietzsche (1998) concebe a transição no homem, do estado selvagem para o social, de maneira abrupta e coerciva, segundo o autor, um pequeno grupo organizado, pertencentes à raça de conquistadores, emprega a força bruta para dominar a população de maior número, surgindo assim a criação do “Estado”. Deste modo, o primeiro grupo constitua de maneira ativa, neles não existia a “má consciência”, porém “sem eles ela não teria nascido, essa planta hedionda, ela não existira se, sob o peso de seus golpes de martelo, da sua violência de artistas, um enorme quantum de liberdade não tivesse sido eliminado do mundo” (NIETZSCHE, 1998, p. 75).

Neste cenário, Nietzsche apresenta a hipótese da origem da “má consciência” (*schlechtes gewissen*), como “a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu – a mudança que sobreveio quando ele viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz” (NIETZSCHE, 1998, p. 72). Na concepção do autor, referida transformação não sucedeu paulatinamente, mas de modo abrupto, não representou “um crescimento orgânico no interior de novas condições, mas uma ruptura, um salto, uma coerção, uma *fatalidade inevitável*, contra a qual não havia luta e nem sequer ressentimento” (NIETZSCHE, 1998, p. 74, grifo nosso). Desta forma, os instintos que eram projetados para fora, foram reconduzidos para o interior do homem, “a hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição – tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: *esta é a origem da má consciência*” (NIETZSCHE, 1998, p. 73, grifo do autor). Assim, suscitou a intrusão da “maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem com o homem, consigo” (Idem, grifo do autor). Referido processo, promoveu um dualismo no



interior<sup>15</sup> do homem.

A supressão dos instintos no homem, como condição do advento da civilização, foi realizada de maneira brutal e sangrenta, entretanto, propiciou o surgimento de leis que outorgaram a manutenção e conservação social. Para o autor, “nesta esfera, a das obrigações legais, está o foco de origem desse mundo de conceitos morais: ‘culpa’, ‘consciência’, ‘dever’, ‘sacralidade do dever’ – *o início*, como o início de tudo grande na terra, *foi largamente banhado de sangue*” (NIETZSCHE 1998, p. 55, grifo nosso).

Em outro prisma, Nietzsche enfatiza que o início da relação entre devedor e credor, suscitou no vínculo de dependência dos vivos com seus antepassados. Conforme o autor na “originária comunidade tribal – falo dos primórdios – a geração que vive, sempre reconhece para com a anterior, e em especial para com a primeira, fundadora da estirpe, uma obrigação jurídica” (NIETZSCHE, 1998, p. 77). Desta forma, seu povo acredita que “a comunidade subsiste apenas graças aos sacrifícios e às realizações dos antepassados – e de que é preciso lhes pagar isso com sacrifícios e realizações: reconhece-se uma dívida [schuld], que cresce permanentemente” (Idem). Os acréscimos do referido débito, surgem em virtude de os antepassados permanecerem concedendo graças a seu povo. No intuito de retribuir as dádivas, se realizam os “*sacrifícios* (inicialmente para alimentação, entendida do modo mais grosseiro), festas, música, homenagens, *sobretudo obediência* – pois os costumes são, enquanto obra dos antepassados, também seus preceitos e *ordens*” (Idem, grifo nosso). Diante das suspeitas de serem insuficientes as oferendas, “de quando em quando exige um imenso resgate, algo monstruoso como pagamento ao ‘credor’ (o famigerado sacrifício do primogênito, por exemplo; *sangue, sangue humano*, em todo caso)” (Idem, grifo nosso).

Conforme Nietzsche (1998), o surgimento do Deus cristão causou exacerbada culpa ao homem. A designação moral embutida na noção de culpa e dever, inverteu o mecanismo supracitado, de maneira que Deus (credor) se sacrificou por amor ao devedor, desse modo, “essa crueldade reprimida do bicho-homem interiorizado, acuado dentro de si mesmo, aprisionado no ‘Estado’ para fins de domesticação, [...] se apoderou da suposição religiosa

---

<sup>15</sup> Nietzsche (1998) ressalta que neste momento surgiu o conceito de “alma humana”, sobrevivendo a dicotomia entre corpo e alma.





NASCIMENTO, A.

para levar seu automartírio a mais horrenda culminância, uma dívida para com Deus” (NIETZSCHE, 1988, p. 81). Como resultado, o homem “apreende em ‘Deus’ as últimas antíteses que chega a encontrar para seus autênticos insuprimíveis instintos animais, ele reinterpreta esses instintos como culpa em relação a Deus [...], ele se retesa na contradição entre ‘Deus’ e ‘Diabo’” (Idem). Assim, passa a considerar todo ato antagônico a natureza de seus instintos, como uma aprovação de Deus, da mesma forma, atribui às manifestações de seus instintos, características demoníacas. Referido processo produz um delírio, gerando a “vontade de sentir-se culpado e desprezível, até ser impossível a expiação, sua vontade de crer-se castigado sem que o castigo possa jamais equivaler à culpa [...]. Aqui há doença, sem qualquer dúvida, a mais terrível doença que jamais devastou o homem” (Idem). Ressalta o autor que “por tempo demais o homem considerou suas propensões naturais com ‘olhar ruim’, de tal modo que elas nele se irmanaram com a ‘má consciência<sup>16</sup>” (NIETZSCHE 1988, p. 83-84).

Diante do exposto, cabe ressaltar que Nietzsche, apresenta a primeira causa do adoecimento do homem, oriunda da supressão dos instintivos primários do homem, de modo violento e sangrento. As forças dos instintos que anteriormente se voltavam para o exterior, retornam para o próprio homem, ocasionado uma dicotomia em seu interior: corpo e “alma”. Entretanto, esse processo não pode ser rechaçado, em virtude de constituir condição imprescindível ao advento da civilização. Todavia, na imputação moral constitui na mais sombria enfermidade humana. Na concepção do autor, a moral socrática-platonica-cristã possui como fundamento, valores de “outro mundo”, antagônicos aos princípios que favorecem a vida, a “vontade de poder”. Deste modo, a moral que tenciona enaltecer o homem, torna-o doente:

Em todos os tempos que se quis “melhorar” os homens: é isso que, antes de tudo, foi chamada de moral. Mas sob esta mesma

---

<sup>16</sup> Na concepção de Nietzsche “a ‘má consciência’ (*schlechte gewissen*) não é a mesma coisa que ‘a consciência’ [moral] (*gewissen*), mas algo que pode ser traduzido provisoriamente por ‘consciência de culpa’ (*bewusstsein der schuld*)” (PASCHOAL, 2005, p.118). Deste modo, “o grande conceito de moral de ‘culpa’ (*schuld*) tem sua origem (*herkunft*) no conceito muito material de ‘dívida’ (*schulden*), da mesma forma como o castigo fora pensado com uma retribuição (*vergeltung*)” (idem).



NASCIMENTO, A.

palavra “moral” se ocultam as tendências mais diversas. A *domesticação* do animal humano, bem como a criação de uma espécie determinada de homens, são um “melhoramento” [...]. Quem sabe o que acontece nos estábulos, duvido muito que o animal seja neles “melhorado”. É debilitado, é tornado menos perigoso, pelo sentimento depressivo do medo, pela dor e pelas feridas se faz dele um animal *doente*. – Não acontece outra coisa com o homem domesticado, que o sacerdote tornou “melhor”. Nos primeiros tempos da Idade Média, quando a igreja era acima de tudo um estábulo, em toda parte eram selecionados os belos exemplares do “animal louro” – era “melhorado”, por exemplo, os nobres germânicos. Mas qual era, depois disso, o aspecto de um desses germânicos tornado “melhor” e atirado num convento? Tinha a aparência de uma caricatura de homem, de um aborto: haviam feito dele um “pecador”, estava enjaulado, havia sido encerrado no meio das ideias mais espantosas...Deitado, doente, miserável, aborrecia-se a si mesmo; estava *cheio de ódio contra os instintos de vida*, cheio de desconfiança em relação a tudo o que permanecia ainda forte e feliz. Numa palavra, era “cristão” ... Para falar em termos fisiológicos: na luta com o animal, torná-lo doente é *talvez* o único meio de enfraquecê-lo. A igreja compreendeu isso perfeitamente: ela perverteu o homem, tornou-o fraco – mas ela reivindicou o mérito de tê-lo tornado “melhor”. (NIETZSCHE, 2008, P.60, grifo do autor).

Destarte, o adoecimento do homem conforme ressaltado no primeiro aspecto teve origem no processo de repressão dos seus instintos primários, entretanto “não pode ser denegado, pois é ele que torna o homem um animal interessante” (PASCHOAL, 2005, p. 110). Contudo, Nietzsche imputa a moral socrática-platonica-cristã precursora do desprezo do homem com sua natureza animal. Deste modo, o homem passou a desprezar a vida e os valores “aristocráticos”, tornando-se doente, configurando assim, uma sociedade da “*décadance*”<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Referido conceito se apresenta de três modos em Nietzsche, o primeiro como “uma conotação moral de maior ou menor intensidade, para descrever o declínio do Império Romano [...], assim como para indicar [...], a condição do presente” (NEVES, 2017, p.19). A segunda implicação remete a “autopredicação de um movimento artístico em torno a Charles Baudelarie e Paul Verlaine, que elevaram, à condição de programa, a negação dos valores burgueses e a evasão das estruturas normativas burguesas (‘épater le bourgeois’)” (Ibidem). A terceira definição consiste “no uso fisiológico do vocábulo, no sentido de degenerescência, também é amplamente divulgado entre os médicos e cientistas contemporâneos de Nietzsche” (Ibidem). Deste modo, o presente emprego do termo se refere a ultima conotação.



NASCIMENTO, A.

Após apresentar elementos, da possível origem do adoecimento do homem na concepção de Nietzsche, surge a indagação relativa à possível direção de “tratamento” e viabilidade de “cura”<sup>18</sup>. No caminho de eventual elucidação, apresenta de subsídio plausível, o conceito de espírito livre ou além do homem; e como direção de tratamento, a transvaloração dos valores. Entretanto, o “modo como Nietzsche concebe a relação entre esses dois conceitos, [...] não se dá de forma causal [...] a transvaloração de todos os valores se passa no espírito livre.” (PASCHOAL, 2009, p. 165). Deste modo, não se deve pensar em estágios separados (tratamento-cura), mas concomitantes: “a tarefa do espírito livre, portanto, não é propriamente de realizar uma transvaloração, no sentido de ser causador dela, uma vez que ele próprio é essa transvaloração” (PASCHOAL, 2009, p. 170).

Nietzsche propõe a transvaloração da “moral do ‘sujeito livre’, que tem por pressuposto o ‘querer livre’ e a responsabilidade associada às intenções, da moral do ‘melhoramento do homem’, ou da domesticação do homem, que se associa a conceitos como ‘culpa, castigo, pecado” (PASCHOAL, 2009, p. 166). Entretanto, seu projeto não se refere a negação da moral, mas “tomar a moral em toda sua riqueza e complexidade, associando-a ao processo de sociabilização do homem, aos absurdos levaram até a produção nele de uma ‘má consciência’ (e coisas afins)” (PASCHOAL, 2009, p. 180).

Dito posto consiste em realizar análise na concepção de Freud, para posterior interlocução entre os autores.

### 3.2 A CIVILIZAÇÃO EM FREUD

Freud apresenta na obra *Totem e Tabu* o exórdio da proibição ao incesto, o autor constata que nas tribos mais primitivas, existia tabu ao incesto. A violação do tabu, inicialmente consistia na punição intrínseca do próprio tabu (se vingava por si), posteriormente foi transferido aos deuses executar a penalidade, por fim, a própria tribo

---

<sup>18</sup> O emprego de conceitos clínicos consiste unicamente na intenção de analisar os autores sobre a mesma vertente, de maneira que Nietzsche não emprega referidos termos em sua obra, bem como, repudia a designação de uma meta.



ficou incumbida de penalizar os transgressores (FREUD, 2013). Deste modo, Freud ressalta que “os mais velhos sistemas penais da humanidade podem retomar ao tabu” (FREUD, 2013, p.14).

Segundo Freud, as proibições do tabu, em geral, se referem “à *capacidade de fruição*, à liberdade de movimento e comunicação” (2013, p. 16, grifo nosso). Para o autor, referidas restrições, abrangeriam ações que produziriam imensa satisfação, gerando um sentimento ambivalente, similar aos neuróticos que “nada gostariam mais de fazer, em seu *inconsciente*, do que infringi-las, mas também têm receio disso; receiam justamente porque querem, e o temor é mais forte que o desejo”<sup>19</sup> (FREUD, 2013, p. 26 grifo nosso). Deste modo, as leis que alicerçavam o totemismo, consistiam em não matar o animal totêmico e a privação de relação sexual com o detentor do mesmo totem (FREUD, 2013).

Para apresentar a concepção psicanalítica da origem do totemismo e a exogamia, Freud utiliza de fundamento o estado social primevo do homem, na elaboração darwinista; a concepção de Robertson Smith (1927 [1894]) relacionado à refeição sacrificial do animal totêmico; e a referência de Atkinson Mezan (1985), concernente a união dos irmãos expulsos que retornam para atacar o pai tirânico. Conforme Freud (2013) existiu “em um tempo”<sup>20</sup> o pai primevo, homem violento, possuidor de todas as mulheres do clã, e tirânico com seus filhos, banindo-os (estes nutriam temor e inveja à aquele). Os filhos que eram fracos individualmente, se uniram e mataram o pai tirânico, se alimentando de sua carne para absorver parte de sua força. Desta maneira a “refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, com o qual teve início tanta coisa: *as organizações sociais, as restrições morais, a religião*” (FREUD, 2013, p. 148, grifo nosso).

Após o assassinato do pai, os irmãos usufruíram jubilosamente do ódio descarregado, entretanto a ternura que nutriam e estava contida, emergiu como sentimento de culpa,

---

<sup>19</sup> Referida citação, consiste na analogia do complexo de Édipo, cujo desejo do filho em possuir a mãe é barrado pela função paterna.

<sup>20</sup> Conforme Gerez Ambertín (2009, p.45) “essa horda primordial, comandada por esse pai violento, alude a um *in illo tempore*, a um *ab origine*, a um antes do tempo, ao tempo mítico. E isto é crucial: esse estado primordial não existiu, foi um antes-do-tempo, antes-do-pai e anterior à organização social.”



NASCIMENTO, A.

oriundo do arrependimento vivenciado pelos algozes (FREUD, 2013). Ao consumir a morte do pai, este “tornou-se mais forte que havia sido vivo” (FREUD, 2013, p. 149), as restrições impostas em vida, passaram a vigorar entre os irmãos, “o que até então fora proibido pela existência real do pai, passou a ser proibido pelos próprios filhos” (GARCIA-ROZA, 1995, p. 27). Desta forma, suscitou a instauração dos principais tabus do totemismo: o incesto e o parricídio, “que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo.” (FREUD, p. 149).

Diante do exposto, é possível inferir que Freud, com o emprego do mito do pai da horda para elucidar a origem da civilização, utiliza estrutura análoga ao exórdio do psiquismo. Da mesma forma que o trauma inicial no psiquismo, constituiu de exigência para seu estabelecimento, não seria possível mensurar culpa, dívida, sacrifício e qualquer concepção moral, anterior à morte do pai primevo. Esses conceitos se originaram, apenas após o ato do parricídio, decretando assim, a proibição de repetir o feito, bem como, o sacrifício em abdicar das mulheres que tanto desejavam.

Deste modo, sobreveio a implantação das primeiras leis na construção do direito coletivo, sobrepor o individual. Assim, “a vitória sobre o pai, havia ensinado aos filhos que uma associação pode ser mais forte que o indivíduo” (FREUD, 2011, p. 45). Todavia, referida estruturação, demanda como exigência a contribuição de todos “com o *sacrifício de suas pulões* e [...] de novo com a mesma exceção – que ninguém se torne vítima da força bruta”. (FREUD, 2011, p. 40 e 41, grifo nosso). Conforme Freud “a compreensão do tabu, também lança luz sobre a gênese da *consciência moral [gewissen]*” (FREUD, 2013, p. 66, grifo do autor). Na concepção do autor, a “consciência [gewissen] provavelmente surge com base numa ambivalência emocional, [...] de que um dos sentimentos opostos, seja inconsciente e conservado reprimido pelo outro, obsessivamente dominante” (FREUD, 2013, p. 67).

Assim, a “sociedade repousa então na culpa comum pelo crime cometido; a religião, na consciência de culpa e no arrependimento por ele; e a moralidade, em parte nas *exigências dessa sociedade e em parte nas penitências* requeridas pela consciência de culpa” (FREUD, 2013, p. 152, grifo nosso). Em outros termos, o parricídio constituiu a primeira



NASCIMENTO, A.

marca que possibilitou o advento da civilização, entretanto, introduziu no homem, o sentimento de *culpa* pela ação realizada, a qual gerou uma *dívida* com o morto, que se procurou atenuar com o *sacrifício* das pulsões ao submeter-se à lei imputada (proibição ao incesto) pelo pai ainda vivo.

Segundo Freud “é impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia pulsional, o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação (supressão, repressão, ou o quê mais?) de pulsões poderosas” (FREUD (2011, p.43). Em correspondência a Fliess<sup>21</sup>, Freud ressalta notório conflito entre a civilização e as pulsões, segundo Assoun “a reflexão de Freud sobre a *Kultur* será centrada na questão patogênica da relação conflitual da pulsão sexual com a proibição social, através de seu destino neurótico” (ASSOUN, 1989, p. 262).

Referente às causas da instauração de entrada na neurose, Freud (1996l) destaca fatores exógenos e endógenos, de modo que o primeiro apresenta, dentre outros aspectos, a frustração oriunda da perda do objeto do mundo externo, o qual satisfazia a necessidade de amor. Desta forma, o autor constata a possibilidade de poder “avaliar que papel importante na causação das neuroses pode ser desempenhado pela *limitação imposta pela civilização* ao campo das satisfações acessíveis” (FREUD, 1996l, p. 143, grifo nosso).

Em sua obra *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*, Freud dialoga com a obra *Ética Sexual* de Von Ehrenfels (1907), no intuito de elucidar as causas da “doença nervosa moderna”. Conforme Freud, a abdicção ao erotismo foi *consagrada* pela religião, “cada renúncia do indivíduo à satisfação pulsional foi oferecida à divindade como um *sacrifício*, e foi declarado ‘santo’ o proveito assim obtido pela comunidade” (FREUD, 1996i, p. 101, grifo nosso). Entretanto, o detentor de uma pulsão selvagem, indomesticável, obtém estigma de “‘criminoso’, um ‘outlaw’<sup>22</sup>, diante da sociedade - a menos que sua posição social ou suas capacidades excepcionais lhe permitam impor-se como um grande homem, um ‘herói’”. (Idem).

---

<sup>21</sup> “Manuscrito N de maio de 1897: ‘O incesto é um fato anti-social ao qual, para existir, a civilização teve que renunciar pouco a pouco” (FREUD, aput ASSOUN, 1989, p. 280).

<sup>22</sup> Tradução livre: bandido.



NASCIMENTO, A.

Freud (1996i) ressalta que em virtude da heterogeneidade dos homens, constituiria de grande injustiça o processo de normatização da sexualidade. Alguns indivíduos não sofrem em virtude das referidas sanções, porém para outros consistiria em verdadeiro martírio. Referente ao matrimônio, o autor ressalta que a mitigação da repressão, residiria na infidelidade conjugal, entretanto “quanto mais severa houver sido a educação do jovem e mais seriamente ela se submeter às exigências da civilização, mais recerá recorrer a essa saída” (FREUD, 1996i, p. 106). Desta forma “entre seus desejos e seu sentimento de dever, mais uma vez se refugiará na neurose” (Idem). Conforme exposto, os meandros que alicerçaram a civilização estipularam padrões<sup>23</sup> sexuais que homogeneizaram os homens, de maneira a suscitar patologias nos indivíduos possuidores de acentuada pulsão sexual. Destarte, “fica-se assim com a impressão de que *a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente, por uma minoria* que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção” (FREUD, 1997, p. 11, grifo nosso)<sup>24</sup>.

A mesma severidade que a civilização estabeleceu sobre as pulsões sexuais, sucedeu em relação aos impulsos de agressividade, suprimindo-as como condição *sine qua non* de viabilizar a condição civilizatória. Conforme Freud a “civilização tem que recorrer a tudo para pôr limites as pulsões agressivas do homem, para manter em xeque suas manifestações através de formações psíquicas reativas” (FREUD, 2011, p. 58). A pulsão de agressividade é oriunda e representante da pulsão de morte, que caminha em paralelo com Eros, no *conflito de forças*<sup>25</sup> que regem o mundo. Dito posto, a evolução civilizatória “nos apresenta a luta entre Eros e morte, pulsão de vida e pulsão de destruição, *tal como se desenrola na espécie humana*” (FREUD, 2011, p. 68).

---

<sup>23</sup> Na concepção de Nietzsche (1998), referido modelo consiste na concepção dos valores dos Escravos, que inverteram e desqualificaram a moral do nobre.

<sup>24</sup> Referida citação, acentua consonância com a perspectiva de Nietzsche.

<sup>25</sup> Nietzsche denomina aludido conflito, como a tensão entre Apolo e Dionísio, o deus da forma e o deus da embriaguez. Referido embate de forças, permeia toda obra do autor.





NASCIMENTO, A.

Na intenção de demonstrar os meandros da civilização em relação à contenção da agressão, Freud demonstra a sua implicação na constituição do psiquismo<sup>26</sup>: “a agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu” (FREUD, 2011, p. 69). Ao retornar para seu interior, a agressividade “é acolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Supereu, e que, como ‘consciência’, dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos” (Idem). O conflito resultante da severidade do Supereu com relação ao Eu, denomina “consciência de culpa” e se manifesta atrelada a necessidade de punição. A concepção do Supereu “jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a *sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal*” (FREUD, 1996t, p. 19, grifo nosso), deste modo, o mesmo processo que se apresenta na civilização pela filogênese, se manifesta no indivíduo na ontogênese. Assim “devido a maneira pela qual o ideal do ego [Supereu] *se forma, ele possui os vínculos mais abundantes com a aquisição filogenética de cada indivíduo – a sua herança arcaica*” (FREUD, 1996t, p. 22, grifo nosso). Conforme o autor, a distinção entre Supereu e o ego “representa as características mais importantes do desenvolvimento tanto do indivíduo quanto da espécie; em verdade, dando *expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem*” (Idem, grifo nosso).

Destarte a “civilização controla então o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, como por uma guarnição numa cidade conquistada” (FREUD, 2011, p. 69). Como resultante do referido processo, “se a cultura impõe tais sacrifícios não apenas a sexualidade, mas também ao pendor agressivo do homem, *compreendemos melhor por que para ele é difícil ser feliz nela*”. (FREUD, 2011, p. 61, grifo nosso).

Conforme exposto, a supressão das pulsões no homem, constituem necessárias para o advento da civilização, não apenas de forma extrínseca, mas no interior do psiquismo de

---

<sup>26</sup> Do mesmo modo que o complexo de Édipo se apresenta em cada indivíduo, resplandece na origem civilizatória: tabu de matar o pai, supressão dos instintos que impulsionam para usufruição das mulheres do pai morto.



NASCIMENTO, A.

cada indivíduo, por intermédio do Supereu. Apesar de a cultura conceder “paliativos” para atenuar referida tensão, se tornam insuficientes entre o equilíbrio das pulsões cedidas e as recompensas adquiridas. Desta forma “a montagem pulsional se inscreve nos ferrões da linguagem, onde se ancora como cultura, mas é justamente a cultura que logo exige a renúncia à montagem pulsional” (GEREZ-AMBERTÍN, 2003, p. 146). Nesse cálculo, o indivíduo fatalmente sai malogrado, para alguns consiste em um prejuízo aceitável, entretanto para outros, consiste em uma supressão tão mortificante que leva ao adoecimento. Todavia, a fruição das pulsões reprimidas, realizadas de modo escuso da sociedade, não garante no neurótico<sup>27</sup> usufruir do gozo, em virtude da vigilância intrapsíquica do Supereu. Assim, o “programa da ‘criação’ não contempla a felicidade humana... e tampouco o programa da cultura a contempla, pois seu mal-estar é estrutural e, portanto, incurável: onde se espera *Eros* responde *Tânatos*” (GEREZ-AMBERTÍN, 2003, p. 146).

Destarte, elucidado a causa do mal estar, convém apresentar indagação similar a realizada em Nietzsche, com relação à direção de tratamento e possibilidade de cura. Entretanto “o termo ‘cura’, a própria ideia de cura, o preconceito de cura entra em nítida contradição com a concepção psicanalítica que temos da neurose [...]” (NASIO, 1999, p. 166); desta forma, “o que salta aos olhos é que não existe conceito psicanalítico de cura” (NASIO, 1999, p. 160). Do mesmo modo, se acentua a complexidade em realizar o “tratamento” das neuroses na esfera social em virtude que “na neurose individual nos serve de referência imediata o contraste que distingue o enfermo de seu ambiente, tido como ‘normal’. Tal pano de fundo não existe para um grupo igualmente afetado, teria que ser arranjado de outra forma” (FREUD, 2011, p.92). Em relação “à aplicação terapêutica da compreensão, de que adiantaria a mais pertinente análise da neurose social, se ninguém possui autoridade para impor ao grupo a terapia?” (Idem).

Entretanto, na vertente da análise individual, “a parte decisiva do trabalho se consegue criando na relação do paciente com o médico – na transferência – novas edições dos antigos conflitos” (FREUD, v. XVI, p. 141). No referido processo, a libido cessa o

---

<sup>27</sup> O perverso não participa dessa conjectura.



NASCIMENTO, A.

investimento diretamente ao sintoma, “em lugar da doença verdadeira do seu paciente, surge a doença transferencial artificialmente formada; em lugar dos diversos objetos irrealis da libido, aparece um único objeto e, mais uma vez, um objeto imaginário na pessoa do médico” (FREUD, v. XVI, p. 142). Em outros modos, constituiria inviável a possibilidade de cura e tratamento no âmbito social, entretanto, se apresenta na análise individual, a possibilidade de ressignificação dos sintomas.

Após a exposição dos meandros que suscitaram Nietzsche e Freud no diagnóstico de uma sociedade doente, consiste em analisar as confluências e divergências dos autores.

### 3.3 CONFLUENCIAS E DIVERGENCIAS ENTRE NIETZSCHE E FREUD.

Freud e Nietzsche diagnosticam a sociedade como um corpo gregário doente. Todavia, os meandros de fundamentação do referido diagnóstico, sucedem de maneira distinta entre os autores, conforme explicitado em linhas precedentes. Cabe ressaltar que na interpretação de Nietzsche “a doença é uma realidade indissociavelmente orgânica e psíquica – a tal ponto que a doença serve para metaforizar solidariamente a alma e o corpo” (ASSOUN, 1989, p. 228). Na visão de Freud, o “conceito qualitativo de doença desaparece na medida em que designaria alguma entidade antropomórfica: em Freud, a quantidade tem por função pensar a doença em termos de processos em graus” (Idem). Desta forma, denota um ponto de divergência entre os autores com relação ao conceito de doença, “mas esta oposição banal não impede, de modo algum, uma surpreendente convergência de abordagem psicopatológica, como se todo discurso sobre o normal e o patológico deparasse com a questão de valor e de norma, e aquela correlata da interpretação” (Idem).

Conforme exposto, Nietzsche e Freud sustentam a civilização suceder de um conflito sangrento, o qual instaurou a moralidade<sup>28</sup>. Referido combate, suscitou no homem um sentimento de *culpa*, que engendrou uma *dívida* inconcebível de quitação. Entretanto na

---

<sup>28</sup> Nietzsche e Freud compõem uma genealogia da moral, refutando as concepções metafísicas dos valores morais advindo de entidades transcendentis (deuses). De igual modo, os autores refutam a tese do contratualismo, em que os indivíduos cederam voluntariamente parte dos instintos para concessão do Estado.



NASCIMENTO, A.

concepção de Nietzsche, existia uma relação de gratidão com o antepassado, que por intermédio de oferendas e sacrifícios, atenuava o débito e alcançava um equilíbrio. Contudo, “a autêntica fatalidade tomou corpo então a partir do momento em que foram imbricadas a dívida obrigacional que, sob uma perspectiva religiosa, tornou-se uma dívida para com Deus” (GASSER, 1997, p. 442). Em Freud, o conceito de Supereu tornou compreensível a aparente contradição, referente a *culpa* que devia ser, “em determinado ponto, consequência de agressões não realizadas, mas em outra ocasião, e justamente *no seu início histórico, o parricídio, consequência de uma agressão levado a cabo*” (FREUD, 2011, p. 84, grifo nosso). Conforme o autor, “devido à onisciência do Supereu; o sentimento de culpa podia ser gerado tanto por uma violência realmente consumada [...] quanto por uma apenas intencionada – como verificou a psicanálise” (Idem).

Em Nietzsche, cujo “empreendimento crítico consiste, no essencial, em desconstituir, ou, dito de maneira mais radical e fiel ao projeto, em desconstruir essas pilastras metafísicas sobre as quais se assenta não somente a psicologia racional [...]” (GIACOIA, 2001, p. 22), desta forma, o autor se proclamava o primeiro psicólogo. Nietzsche refuta o ideal metafísico, clamando com veemência aos homens, a necessidade de valorizar a terra: “eu vos imploro irmãos, permaneçei fiéis a terra e *não acrediteis* nos que vos falam de *esperança supraterras!*” (NIETZSCHE, 2011, p. 14, grifo nosso). De maneira menos entusiástica, entretanto com similar conteúdo, Freud prognosticou o que seria o futuro do homem: “como honestos *arrendatários da Terra aprenderão a cultivar seu terreno* de tal modo que ele os sustente. *Afastando suas expectativas em relação a um outro mundo* e concentrando todas as energias liberadas em sua vida na Terra” (FREUD, 1991, p. 78, grifo nosso). Conforme o exposto, apesar de Freud realizar abordagem científica<sup>29</sup> e Nietzsche filosófica, ambos pressupõem indícios de possível superação da metafísica.

De igual forma, apresenta semelhança entre os autores, o conceito de Supereu de Freud e as conjecturas despreziosas de Nietzsche, referente uma força que age internamente de maneira despótica. Conforme Freud o Supereu “representa uma formação

---

<sup>29</sup> Nietzsche apresenta em seus escritos, critica veemente a constituição da ciência. Conforme o autor, esta adquiriu a forma de um novo Deus.



NASCIMENTO, A.

reativa enérgica contra essas escolhas [do id]. A sua relação com o ego não exaure com o preceito: ‘você *deveria* ser assim (como seu pai). Ela também compreende a proibição: ‘você *não pode* ser assim (como seu pai)’. (FREUD, 1996t, p. 21). Nietzsche apresenta análise similar, entretanto deficiente de respaldo em sua declaração: “há razão para admitir que conosco nasce a necessidade de obediência como uma consciência formal que predomina: ‘*deves fazer* isto incondicionalmente’, ‘*deves omitir* aquilo incondicionalmente’ sempre ‘*deves*’, ‘*deves*’” (NIETZSCHE, 2012, §199, p. 108, grifo nosso). Apesar de ambos inferirem um “imperativo categórico” nas ações do homem, Nietzsche não aprimora o conceito de Supereu, tornando inviável, a possibilidade de perquirir correspondência entre os autores nesse quesito.

Em relação a punição oriunda da desobediência das leis, os autores expressam concepções destoantes. Para Freud (2013) o perdão à transgressão da lei, fomentaria a repetição do ato e introduziria a possibilidade de dissolução da ordem social. Entretanto Nietzsche (1998) ressalta que conforme a ascensão de um povo, maior sua indulgência e menos rígidas suas leis, desta forma, seria flexível no perdão de delitos.

De igual modo, ressalta equivalência entre os autores, na distinção entre consciência moral (*gewissen*) e consciência (*bewusstsein*). Referidos termos, foram analisados de maneira detalhada em Nietzsche, conforme exposto em linhas anteriores. Cabe ressaltar que na concepção de Freud, existem “duas origens para o sentimento de culpa: o medo da autoridade e, depois, o medo ante o Supereu” (FREUD, 2011, p. 73). O medo da autoridade, “nos obriga a renunciar a satisfações instintuais, o segundo nos leva também ao castigo, dado que não podemos ocultar ao Supereu a continuação dos desejos proibidos” (Idem). Conforme o autor, o medo de autoridade externa, não significa “má consciência”, somente quando referida autoridade é introjetada por intermédio do Supereu, “os fenômenos da consciência [*gewissen*] chegam a um novo estágio; no fundo, só então se deveria falar de consciência e sentimento de culpa”. (FREUD, 2011, p. 71).

Destarte, apesar dos notórios pontos de convergências entre os autores, constituiria de negligência denotar conceitos unívocos, entre a filosofia e psicanálise. Estabeleceu, desta



forma, apenas elencar determinadas semelhanças em determinados aspectos e divergências em outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perscrutar relação entre filosofia e psicanálise, implica acentuada complexidade em sua elaboração. Em virtude da relevante singularidade dos termos, realizar aproximações de conceitos, constituiu a necessidade basilar, de preservar a estrutura e critério empregado por cada autor. Assim, o trabalho sucedeu de modo circunspecto, no objetivo de não provocar mixórdia entre filosofia e psicanálise.

A primeira etapa procurou demonstrar que o conceito de civilização, consistia de perquirição em Freud, deste nos primeiros textos sobre a histeria. Em relação à pesquisa linear nas obras de Nietzsche, não logrou o mesmo resultado, em virtude de o filólogo utilizar o emprego do vocábulo “má consciência”, de maneira diferente conforme o contexto, desta forma o conceito adquiriu aspas e sentindo singular exclusivamente na obra “A Genealogia da Moral”. Todavia, na pretensão de evitar disparidade na abordagem entre os autores, foi mapeado o termo “má consciência”, nas obras de Nietzsche, entretanto, de modo sucinto.

As causas que engendraram o diagnóstico de uma sociedade doente obtiveram resultados distintos em Freud e Nietzsche. O primeiro, oriundo da vertente psicanalítica, realiza perquirição com estruturação científica nas elucubrações dos seus conceitos. O segundo, autointitulado como o primeiro psicólogo, se fundamenta em conceitos filosóficos para sustentar sua vertente. Todavia, conforme evidenciado, ambos detectam a enfermidade social, porém utilizam panoramas diferentes para alicerçarem suas conjecturas. Freud, fundador da psicanálise, apresenta a concepção da civilização similar a constituição do aparelho psíquico. Do mesmo modo que o trauma original é precursor da constituição do psiquismo, o assassinato do pai da horda suscitou no advento da civilização. Assim como o complexo de Édipo corresponde de condição *sine qua non* para a constituição do sujeito, o parricídio proporcionou a contenção das pulsões sexuais e de agressividade, bem como a



NASCIMENTO, A.

instauração da moral e de leis voltadas para o coletivo, premissas fundamentais para a origem da civilização e da humanização do “selvagem”. Desta forma, o Supereu consiste de maneira filogenética e age de modo ontogenético, como lei interna no indivíduo (barreira de contenção do complexo do Édipo), o qual suscita na má consciência (em virtude da culpa de desejar matar o pai e possuir a mãe). Segundo Freud, referido conflito entre as pulsões e a lei, constituem no adoecimento do homem.

Conforme exposto, Nietzsche anuncia a “má consciência”, oriunda do dualismo provocado no homem, em virtude da repressão dos instintos. Entretanto, o adoecimento do homem, derivaria da moral socrática-platonica-cristã, que atribuiu valores pejorativos aos instintos humanos e passou a considera-los manifestações pecaminosas, resultando no sentimento de culpa. Na concepção do autor, a moral que pretendia “melhorar” o homem provocou seu adoecimento, por almejar valores transcendentais e refutar os instintos.

Foi realizado breve exposição referente ao emprego da “cura”, e “restauração” na concepção dos autores. Em Nietzsche, constituiria a transvalorização dos valores e o “espírito livre”, ou “além do homem”. Para Freud, o processo verteria pelo prisma da singularidade, através do processo de análise seria possível a substituição da neurose atual pela neurose de transferência.

Em relação a similaridades e divergências dos autores, se evidenciou que ambos contestam a civilização ser oriunda de um “contrato”, o processo civilizatório foi oriundo de circunstâncias violentas, “com *sangue*”. Entretanto, Nietzsche ressalta que quanto maior a superioridade de um povo, maior sua indulgência; Freud assevera que perdoar o transgressor da lei, colocaria em risco toda a ordem social.

Entre coerências e dissonâncias apresentadas, Nietzsche, filósofo e professor de filologia, apresentou sua perspectiva como o “primeiro psicólogo”. Freud, neurologista e fundador da psicanálise, desenvolveu sua vertente pelo viés psicanalítico.

Assim, o efetivo trabalho constituiu em pequena parcela de contribuição, na intenção de suscitar diligências em pesquisas vindouras, referente ao tema em escopo. Em virtude da magnitude dos autores abordados, cabe ressaltar o pesar na abordagem superficial de alguns





conceitos, bem como, a ausência de outros.

## REFERENCIAS

ABEL, Marcos Chedid. **Diagnóstico em Freud e Lacan: Objetivos, Métodos e Critérios.** Revista de Psicologia, v. XXVII – n. 2. Edições Colibri, Lisboa, 2013.

ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud & Nietzsche Semelhança e Dessemelhanças.** Tradução: Maria Lúcia Pereira, 1ª ed. São Paulo - S.P. Brasiliense, 1989.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.v.I,** Tradução Jayme Salomão – Rio do Janeiro: Imago, 1996a.

\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.v.III,** Tradução Jayme Salomão – Rio do Janeiro: Imago, 1996c.

\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.v.IV,** Tradução Jayme Salomão – Rio do Janeiro: Imago, 1996d.

\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.v.VI,** Tradução Jayme Salomão – Rio do Janeiro: Imago, 1996f.

\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.v.VII,** Tradução Jayme Salomão – Rio do Janeiro: Imago, 1996g.

\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.v.VIII,** Tradução Jayme Salomão – Rio do Janeiro: Imago, 1996h.

\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.v. IX,** Tradução Jayme Salomão – Rio do Janeiro: Imago, 1996i.

\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.v.X,** Tradução Jayme Salomão – Rio do Janeiro: Imago, 1996j.

\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.v.XI,** Tradução Jayme Salomão – Rio do Janeiro: Imago, 1996k.

\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.v.XIX,** Tradução Jayme Salomão – Rio do Janeiro: Imago, 1996t.



*Da Má-Consciência ao Mal-Estar na Civilização:  
Nietzsche e Freud com o diagnóstico de uma  
sociedade doente*

NASCIMENTO, A.

\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.**v.XXII, Tradução Jayme Salomão – Rio do Janeiro: Imago, 1996x.

\_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão.** Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. – Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização.** Tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos.** Tradução: Paulo César de Souza. - 1ªed.- São Paulo: Penguin Classic Companhia das Letras, 2013.

GASSER, R. **Nietzsche und Freud.** Berlin – New York: Walter de Gruyter, 1997.

GEREZ-AMBERTÍN, Marta. **As vozes do supereu;** tradução de Stella Maris Chesil. – São Paulo: Cultura Editores Associados, Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.

GEREZ AMBERTÍN, Marta. **Entre dívidas e culpas: Sacrifícios – crítica da razão sacrificial;** - Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2009.

GIACOIA, Oswaldo. **Nietzsche como psicólogo.** São Leopoldo – RS. Editora UNISINOS, 2001.

MOREIRA, Adriana Belmonte. **Corpo, Saúde e Medicina a Partir da Filosofia de Nietzsche.** Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em:  
[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-26112007-140043/publico/TESE\\_ADRIANA\\_BELMONTE\\_MOREIRA.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-26112007-140043/publico/TESE_ADRIANA_BELMONTE_MOREIRA.pdf). Acesso em 10 fev. 2020.

NEVES, Wainer Furtado. **Cultura e Política: o perspectivismo da grande política em Friedrich Nietzsche.** Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Humas – CCH, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017. Disponível em:  
<http://www.pgcult.ufma.br/wp-content/uploads/2017/09/WainerNeves.pdf>. Acesso em 10 fev. 2020.

NASIO, Juan-David. **Como trabalha um psicanalista?** Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro – RJ. Jorge Zahar Editor Ltda, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência.** Tradução: Carlos Braga. São Paulo – S.P: Editora Escala, 2013.



\_\_\_\_\_. **Aurora**. Tradução: Carlos Antonio Braga. 2º ed. São Paulo – S.P: Editora Escala, 2008.

\_\_\_\_\_. **Assim Falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 2.ed – Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia**. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho. – Rio de Janeiro: PUC – Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo – SP: Editora Escala, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo**: como se vem a ser o que se é. Tradução Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral**: uma polemica. Tradução de Paulo Cesar de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano**: um livro para os espíritos livre volume I. Tradução Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano**: um livro para os espíritos livre volume II. Tradução Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Wagner em Bayreuth**. Tradução Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo – SP. Editora Escala, 2007.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **A genealogia de Nietzsche**. 2.ed, ver. – Curitiba: Champagnat, 2005.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche e a auto-superação da mora**. Coleção Nietzsche em perspectiva. Ed. Unijuí, Ijuí – RS, 2009.

Robertson Smith, W. **Lectures on the religion of the semites**. 3ª ed., New York: The Macmillan Company. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=200254&pid=S1809-5267201300020000200037&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=200254&pid=S1809-5267201300020000200037&lng=pt)>. Acessado em 25 fev. 2020.



*Da Má-Consciência ao Mal-Estar na Civilização:  
Nietzsche e Freud com o diagnóstico de uma  
sociedade doente*

NASCIMENTO, A.

SANTOS, Leonardo Carvalho; Sampaio, Wilson Maranhão. **Considerações sobre a civilização ocidental contemporânea em Nietzsche e Freud.** *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 24 – n. 1, Jan./Abr. 2012.

---

*Recebido: 27/03/2023*

*Aprovado: 23/05/2023*